

Débito poderá virar ações

Nélio Rodrigues

Aylé-Salassie

O governo poderá autorizar os credores estrangeiros do Brasil a converter anualmente até US\$ 1,6 bilhão da dívida externa brasileira em ações de empresas privadas e públicas negociadas nas bolsas de valores.

A informação foi prestada ontem pelo presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ), Sérgio Barcelos, logo após uma audiência com o presidente José Sarney, que prometeu examinar com urgência seu pedido de regulamentação da legislação existente sobre o mercado de capitais, de modo a favorecer a entrada imediata do capital estrangeiro nas bolsas e a dar operacionalidade ao Fundo Brasil de Investimentos.

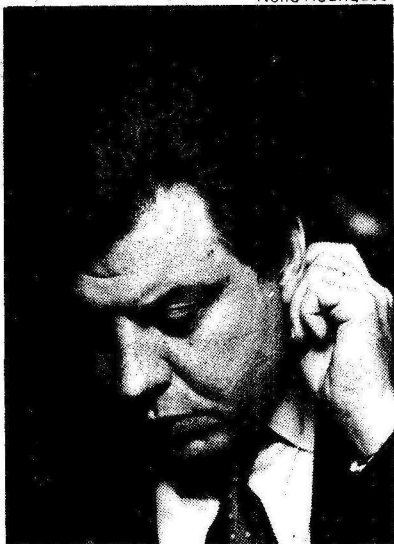
Sérgio Barcelos explicou ao presidente Sarney que as cotações das ações de grandes empresas brasileiras atingiram níveis ridículos e está inibindo formas de capitalização das empresas. "A Bolsa de Valores do Rio de Janeiro não pretende que o governo tome iniciativa novas para incentivar o mercado de ações. Deseja apenas a regulamentação da legislação existente, o que seria suficiente para permitir a criação de um fluxo estável de recursos para o mercado", disse Barcelos.

Internacionalização

Nesse sentido, uma das alternativas consideradas por ele como a mais eficaz seria "a internacionalização das ações das bolsas de valores", a exemplo, observou, do que fazem as bolsas dos Estados Unidos, Japão e Hong Kong.

Apesar de ser possível, hoje, com 21 milhões de dólares, adquirir 51 por cento de ações ordinárias (que dão direito a voto) de 200 das maiores empresas brasileiras que operam nas bolsas, Sérgio Barcelos argumenta que a regulamentação fixaria os limites mínimos de participação desses capitais estrangeiros nas bolsas.

Informou o presidente da Bolsa que a decisão em favor desse tipo de fortalecimento para as bolsas e para as empresas já está decidido pelo Banco Central. Falta apenas definir a forma como isto se fará: se as empresas poderão ter até 5 ou 10% de suas ações nas mãos do capital estrangeiro; se elas podem chegar ao controle acionário; ou se limitará o capital estrangeiro



Barcelos quer ativar as Bolsas

sobre o volume diário de negócios nas bolsas.

Disse também Sérgio Barcelos que a Bolsa do Rio de Janeiro, num estudo encaminhado ao Banco Central, propôs que, no caso das conversões de dívidas em investimentos na compra de ações nas bolsas, se pudesse chegar a 1,6 bilhão de dólares por ano. Como os negócios nas bolsas do Rio de Janeiro e São Paulo chegam a US\$ 10 bilhões por ano, não haveria nenhum problema em adotar a medida.

Estabilidade

Além disso, observou, como o capital estrangeiro faz aplicações a longo prazo, não se preocupando com os fenômenos conjunturais, o movimento das bolsas se tornaria mais estável, o que poderia ter reflexos benéficos na economia.

Quanto às quedas registradas atualmente no movimento das bolsas, explicou que elas ocorrem sem uma razão muito definida, já que as empresas continuam a apresentar bons resultados. Mas, de uma coisa está certo, salientou Sérgio Barcelos: "A Bolsa convive com a recessão, com a correção monetária, mas não consegue manter inalterado seu comportamento diante da incerteza na economia".